



ESCRAVAS/DEUSAS, SUBMISSAS/PODEROSAS: UM OLHAR SOBRE A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NA MITOLOGIA E NA SOCIEDADE GREGA

Palavras-Chave: Grécia Antiga. Gênero. Literatura Clássica

Autores:

GIOVANNA DE CAMPOS MAURO [Unicamp]

Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari [Unicamp]

INTRODUÇÃO:

As diferentes sociedades que compunham a Antiguidade Clássica ficaram conhecidas por negar voz aos grupos femininos. Porém, as suas literaturas, principalmente as produções gregas e latinas, dedicaram centenas de páginas às suas impressões sobre as mulheres.

Não por acaso, a primeira formulação da diferença entre os gêneros pode ser encontrada em uma narrativa mitológica - *A Teogonia*, escrita por Hesíodo. Nos séculos que precedem a introdução da escritura na sociedade arcaica grega, a tarefa de transmitir de geração em geração a memória cultural de seus diferentes povos era própria da mitologia (CANTARELLA, 2019). Assim, não é surpreendente que o momento da divisão dos gêneros e a consequente classificação das mulheres como seres inferiores seja acompanhado pela criação de personagens femininas de destaque nas principais produções literárias da época, como é o caso de Pandora na *Teogonia*, de Helena na *Ilíada*, de Penélope na *Odisseia* e de Ártemis em *Hipólito*.

Nesse sentido, as produções literárias podem funcionar como um documento histórico para o estudo de gênero nas sociedades gregas antigas. Como afirma a historiadora italiana Eva Cantarella:

Ainda que não verdadeiras, de fato, as situações que os poetas descreviam deveriam ser em qualquer caso verossímeis, os diversos personagens deveriam se comportar segundo regras e convenções sociais reais, a moral que inspirava os seus atos deveria ser aquela que a poesia, quase que de forma institucionalizada, ensinava e transmitia. A sociedade descrita na *Ilíada* e na *Odisseia*, para concluir, é o espelho da sociedade grega nos séculos entre o fim da civilização micênica e o século VIII a.C: e a condição feminina que esses poetas imaginavam descrevia a condição das mulheres que viveram naqueles séculos. (CANTARELLA, 2020)

Ainda no contexto dessas produções literárias, insere-se o aspecto da religiosidade grega que, não constituindo um setor à parte daquele social, possui valiosa utilidade para a análise das mentalidades individuais dos que viviam, respectivamente, nos séculos VIII a.C e V a.C. Porém, é na própria religiosidade e, mais especificamente, nos sacrifícios e cultos, que os grupos tradicionalmente excluídos poderiam encontrar alguma participação: as mulheres, apesar da segregação, exerciam importantes funções religiosas e eram os rituais os momentos nos quais elas eram vistas em público (FUNARI, 2008), participando de forma direta, sendo o mais famoso aquele

que ficou conhecido como “rito de mistério”, que se voltava para a fertilidade e a salvação. Como aponta o historiador Pedro Paulo Abreu Funari, nessas ocasiões:

Era como se os mais excluídos das hierarquias cidadinas tivessem nos mistérios uma religiosidade popular que invertia, pela expectativa pós-morte, as relações de poder cotidianas. (FUNARI, 2012)

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Tendo em vista que os avanços e os direitos conquistados pelas mulheres ainda não conseguiram cancelar de forma significativa a exclusão e o silenciamento milenares que contribuíram para a criação de uma ideologia discriminatória que se perpetua até os dias de hoje (CANTARELLA, 2020), a presente pesquisa e seus resultados se fazem necessários e relevantes para individuar e analisar as causas e as matrizes dessa desigualdade no específico momento em que ela é teorizada e codificada.

A partir da leitura e análise das obras selecionadas sobre estudo de gênero, concluí que a categoria que representa o feminino se formou ao longo dos séculos. Os sujeitos regulados pelas estruturas de poder da Grécia Antiga são formados, definidos e reproduzidos de acordo com suas próprias exigências (FOUCAULT, 1999). A categoria das "mulheres" foi produzida pelas mesmas estruturas que a reprimiam (BUTLER, 2003) e, dessa forma, ela não pode ser considerada uma característica universal. Os resultados obtidos com as diversas leituras realizadas dentro das atividades da pesquisa demonstram que a noção binária de masculino e feminino na Atenas Clássica contribui para a descontextualização analítica e política do termo, que não considera conceitos como classe, raça e etnia, impedindo uma compreensão acurada da situação desse grupo em determinado recorte cronológico. Também mostram que o uso do termo "gênero" como universal coloca ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente limitado e delimitado por ele (SCOTT, 1995). Além disso, concluí que o termo não deve ser utilizado de forma indistinta para as sociedades antigas, uma vez que não podemos considerar homens e mulheres como expressão do gênero masculino e feminino (FUNARI e MARQUETTI, 2019).

Em segundo lugar, escrever e estudar a história das mulheres em determinado período histórico é permitir que elas saiam do silêncio no qual estavam confinadas (PERROT, 2007). Porém, reivindicar a importância das mulheres na história significa necessariamente ir contra as definições desse campo de estudo e seus agendas já estabelecidos como "verdadeiros" (SCOTT, 1991). Além disso, o estudo da condição feminina na Antiguidade não requer somente a construção de uma narrativa linear e universal, mas sim um relato mais complexo que leve em consideração, ao mesmo, a posição variável do sujeito "mulher" nas sociedades clássicas de acordo com uma série de critérios e aspectos, bem como as diferenças existentes em épocas e recortes geográficos diversos.

Ao que se refere à religião, pude concluir que as divindades gregas não são pessoas, mas sim potências (VERNANT, 2009). Na época distante retratada de forma abundante pelos mitos e

pela poesia épica em que deuses e homens conviviam um ao lado do outro, as mulheres ainda não haviam sido criadas por Zeus: as deusas faziam parte de um Olimpo das cidades sem cidadãs. Assim, o seu aspecto feminino é imaginado, o que me leva a concluir que a diferença entre os sexos entre as divindades não funciona e não poderia funcionar da mesma forma que entre os mortais. Porém, as deusas existiam, como exemplificado pelo momento em que, na Teogonia de Hesíodo, todos os deuses, incluindo as deusas são convocadas de forma igualitária para lutar contra os Titãs. Esse poderia ser um modo do poeta de ilustrar que, no mundo dos deuses, a guerra não é exclusivamente feminina: Atena é tão valiosa, nessa situação, quanto Ares (LORAUX, 1990). Essa aparente contraditória questão poderia ser exemplificada pela teoria de que o aspecto divino seria dominante ao feminino em uma deusa. Pandora, da narrativa de Hesíodo, é a primeira caracterização do feminino na humanidade civilizada. (RUDHART, 1986). Assim, junto com ela é criada uma repartição dos gêneros femininos e masculinos, muito diferente daquela existente entre os deuses. Dessa forma, pode-se concluir, a partir da análise de uma série de comportamentos e pensamentos presentes nos textos literários escolhidos, que uma deusa não é uma mulher (LORAUX, 1990).

Uma mulher não poderia, na pólis ateniense ou na sociedade arcaica do século VIII a.C, ter a virgindade como condição definitiva, como o fazem Ártemis e Atena. Da mesma forma, uma mortal, enquanto mãe e esposa, uma mortal não poderia ter os mesmos comportamentos de Hera, que desafia o seu marido em diversos momentos, além de contar mentiras e fazer planos que questionam os seus mandamentos. Uma cidadã ateniense também não poderia intervir de forma direta no andamento de uma guerra, como fazem Afrodite, Atena e Tétis em muitos momentos ao longo de toda a narrativa da *Ilíada*. Os exemplos citados são algumas das situações entre as tantas que me levam a concluir que a condição feminina existe somente entre os mortais e que, entre as divindades, o aspecto divino prevaleça em relação ao feminino.

CONCLUSÕES:

Optei por realizar a leitura e a análise de clássicos da Literatura Grega, pois acredito que essas obras, principalmente *A Ilíada* e *A Odisseia*, possam ser utilizadas como documentos históricos que permitem ao seu leitor conhecer as condições, os estilos de vida, as mentalidades, as instituições, a religião e os mitos da sociedade do século em que foram escritos e concebidos. Tais clássicos foram analisados em conjunto com uma base teórica que envolve obras historiográficas e de demais áreas do conhecimento, bem como produções do recente ramo de estudos de gênero. A partir dessa combinação, pude concluir que, apesar da exclusão da maioria mulheres de parcela significativa dos eventos da vida pública e da vida política, algumas ainda poderiam fugir dos preceitos do patriarcado institucionalizado através do direito, do pensamento coletivo e das postulações de grandes filósofos, sendo o principal deles Aristóteles. Entre aquelas

que conseguiriam driblar a misoginia de certa forma estariam as estrangeiras, as heteras, as hierodoulai, as concubinas e, sobretudo, as deusas.

DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL:

EURÍPIDES. **Hipólito**. Tradução de J.A.A Torrano. eBooksBrasil, 2006

HESÍODO. **Teogonia: A Origem dos Deuses**. Tradução de J.A.A Torrano. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 1995

HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Christian Werner. 1 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Haroldo de Campos; intro. e org. Trajano Viera; 2 v. (bilingüe). São Paulo: Arx, 200

BIBLIOGRAFIA:

BUTLER, Judith. 2003. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CANTARELLA, Eva. **Gli inganni di Pandora. L'origine delle discriminazioni digenere nella Grecia antica**. Milano: Giangiacomo Feltrinelli Editore, 2019

CANTARELLA, Eva. **L'ambiguo malanno: condizione e immagine della donna nell'antichità greca e romana**. Milano: Giangiacomo Feltrinelli Editore, 2020

CANTARELLA, Eva. **"Sopporta, cuore..." La scelta di Ulisse**. Bari: Editori Laterza, 2010.

DUBY, Georges e PERROT, Michelle. **Storia delle donne. L'Antichità**. Tradução de Fausta Cataldi Villari et alii. Bari: Editora Laterza, 1990

FUNARI, P. P. A. **Resenha de A religião grega antiga de Mikalson**. Revista História Hoje (São Paulo), v. 5, p. 1-4, 2008.

FUNARI, P. P. A. **Considerações sobre a religiosidade grega**. In: Cândido, M.R.. (Org.). Práticas religiosas no Mediterrâneo Antigo. 1ed. Rio de Janeiro: UERJ, 2012, v. 1, p. 222- 234.

FUNARI, P. P. A. e MARQUETTI, Flávia Regina. **Autorretrato: gênero, identidade e liberdade**. Londrina: EDUEL, 2019.

LORAU, Nicole. **Uno sguardo ateniese**. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle (Org.). Storia delle donne. L'Antichità. Tradução de Fausta Cataldi Villari et alii. Bari: Editora Laterza, 1990.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Editora Contexto, 2007

RUDHART, Jean. **Pandora: Hésiode et les femmes**. In: Museum Helveticum, 1986, p. 237- 239.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. In: educação e realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995.

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. Tradução de Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia Antiga**. Tradução de Joana Angélica D'Avila

Melo. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda, 2009

VERNANT, Jean-Pierre. **O universo, os deuses, os homens**. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ZAIDMAN, Louise. **Le figlie di Pandora. Donne e rituali nelle città**. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle (Org.). Storia delle donne. L'Antichità. Tradução de Fausta Cataldi Villari et alii. Bari: Editora Laterza, 1990.